

Em torno de preposições causativas

José Cipriano Catarino, Cláudia Pinto

Escola Secundária do Entroncamento / Priberam Informática

Introdução

Este artigo debruça-se sobre algumas questões em torno da semântica das preposições, classe fechada de palavras gramaticais invariáveis, cuja elevada frequência de uso e natureza polimórfica tornam o seu significado difícil de precisar.

No cerne deste estudo encontram-se as preposições *de* e *com*, que estão certamente entre aquelas cujo conteúdo semântico é mais difícil de captar, como pode ser constatado através da consulta de alguns dicionários de língua. Em algumas destas obras elas são tratadas como meros conectores lógicos, servindo essencialmente de elementos de ligação entre dois sintagmas. Alguns autores, como Schyn 2001, consideram estes conectores preposições *incolores*, por oposição às preposições *coloridas*, aquelas cuja semântica é facilmente demarcável.

Contudo, e tendo por base o comportamento destas duas preposições em enunciados causativos, no presente estudo argumenta-se no sentido de que (i) estas preposições têm conteúdo semântico e (ii) a respectiva selecção depende das propriedades do evento.¹

Neste trabalho, que se enquadra no modelo do Léxico Generativo (Pustejovsky 1991, 1995), procede-se ao estudo das restrições que condicionam a ocorrência dos SPs causativos introduzidos pelas preposições *de* e *com* em enunciados causativos. Mais precisamente, argumenta-se no sentido de que a selecção destas preposições é condicionada pela estrutura eventiva.

Interpretação causativa dos SPs

As entidades causadoras de um determinado estado de coisas são normalmente realizadas sintacticamente como sujeitos: *O João saiu, O cão ladra ao carteiro, O vento fechou a porta*. Em enunciados deste tipo, um eventual SP não tem interpretação causativa, exprimindo frequentemente o *modo*, como nas frases (1) – (3):

¹ O termo *evento* é aqui considerado no sentido de Tenny 1987: “uma situação ou acontecimento denotado por V, e em que participam os seus argumentos”. *Apud* Marrafa 1993: 26.

- (1) O João saiu *de mansinho / com pressa*.
 (2) O cão ladra ao carteiro *com raiva*.
 (3) O vento fechou a porta *com força*.

Vejam-se agora as frases de (4) – (6):

- (4) O João morreu *de fome / com fome*.
 (5) A bomba explodiu *com o impacto*.
 (6) A água ferveu *com o calor*.

Em enunciados como os exemplificados em (4) – (6) *fome*, *impacto* e *calor* são, respectivamente, a causa do estado de coisas a que cada um dos eventos se reporta.

O contraste entre estes dois grupos de frases evidencia que em (1) – (3) os causadores do estado de coisas são realizados sintacticamente como sujeitos, o que não sucede nas frases com SPs causativos (4) – (6), em que se verifica uma dissociação entre função semântica e função sintáctica, visto que os sujeitos sintácticos não são os causadores dos estados de coisas.

Estes SPs ocorrem tipicamente com verbos inacusativos (*morrer* e *explodir*, nos exemplos (4) e (5)) ou com as variantes inacusativas de verbos que participam na alternância causativa, como *ferver*, no exemplo (6).

Nos exemplos de (4) – (6) os verbos de mudança de estado são, de acordo com a tipologia eventiva de Pustejovsky, núcleos de *transições*, eventos télicos (com um intervalo temporal fechado) ramificados em dois subeventos distintos. Tal não surpreende, pois a presença de uma entidade causadora pressupõe a existência de um evento final diferente do inicial.

Os SPs causativos podem também ocorrer em *processos*, eventos atélicos (com intervalo temporal aberto), ramificados numa sequência de subeventos idênticos, nos quais pode existir alguma mudança de estado, mas não um estado final resultativo, como em (7):

- (7) O João sorri *de felicidade*.

Os SPs causativos não ocorrem em *estados*, como em *O João ama a Maria*, visto que são eventos atômicos, sem alterações na sua estrutura interna, pelo que nada é causado. Consequentemente, eventuais SPs não são interpretados como causativos, exprimindo, por exemplo, o modo:

- (8) O João ama a Maria *com paixão*.

O estudo centra-se, portanto, em eventos do tipo *processo* e *transição* e adopta a decomposição dos eventos em subeventos, proposta em Pustejovsky, a qual permite incluir nas suas representações semânticas informações sobre a ordenação temporal e as restrições de dominância.

Atendendo à ordenação temporal dos subeventos (e_1 , e_2), podem ser consideradas três tipos de relação: precedência, ($\{e_1 < e_2\}$), como em *O vento fechou a porta*; simultaneidade, ($\{e_1 \circ e_2\}$), como em *O João casou com a Maria*; precedência com simultaneidade, ($\{e_1 < \circ e_2\}$), como em *O João caminhou até casa*. A relação temporal de precedência é aquela que melhor caracteriza os enunciados causativos em estudo.

As restrições de dominância são expressas em Pustejovsky assumindo que nos eventos complexos (i.e., ramificáveis) um dos subeventos assume normalmente proeminência relativamente ao outro. Assim, em *O vento fechou a porta* é a acção da entidade *vento* que é mais saliente; em *A porta fechou-se* é o estado final que sobressai.

Nesta perspectiva, uma transição como *O vento fechou a porta* pode ser ramificada em dois subeventos, ordenados temporalmente, para dar conta da alteração de situação da entidade *porta*, que, devido à acção de um causador, passou de “não fechada” a “fechada” (Figura 1).

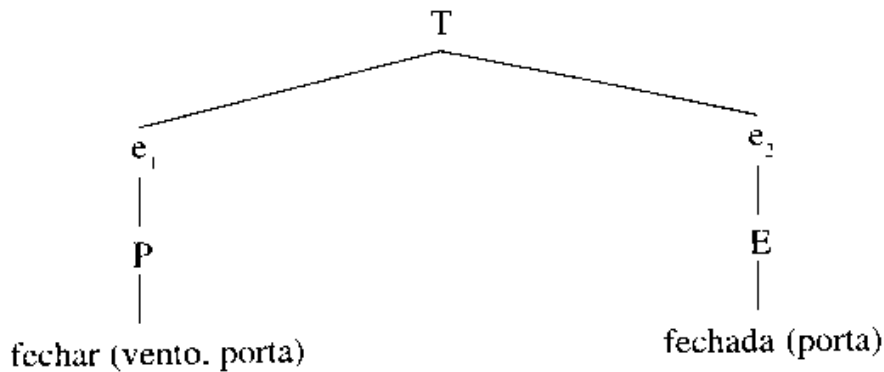


Figura 1: *O vento fechou a porta*

SPs causativos em processos e em transições

Os eventos com SPs causativos são construções inacusativas ou inergativas, portanto intransitivas, pelo que os SPs não são complementos, contribuem para uma especificação do evento, explicitando a causa. Com efeito, embora estes verbos possam ser objecto de um emprego transitivo, (e.g., *Morrer uma morte gloriosa. Viver uma vida miserável*²) eles são semanticamente intransitivos.

A transição *O João morreu de fome* pode ser assim representada:

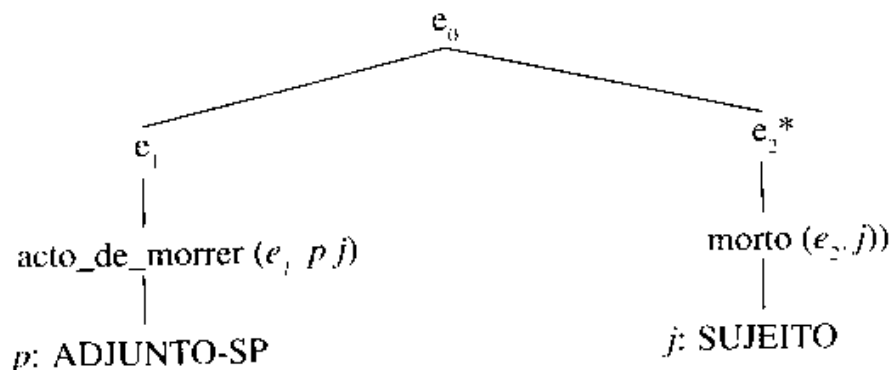


Figura 2: *O João morreu de fome*

² Sobre a realização transitiva de verbos intransitivos, ver Mendikoetxea 2000.

A causa é especificada à esquerda do núcleo (assinalado por [*]): o processo (e_1 : *acto_de_morrer_de_fome(j)*) precede e é responsável pelo estado final (e_2 : *morto(joao)*): $e_1 < *e_2$.

A figura (2) não é uma representação adequada para um evento como *O João morreu com fome*. Com efeito, as preposições *de* e *com* não estão em variação livre, dado que as frases (9) – (10), com idêntica estrutura eventiva e sintáctica, têm significados diferentes:

(9) O João morreu *de* fome.

(10) O João morreu *com* fome.

A frase (9) tem uma única interpretação – a fome constituiu a causa do evento; (10) é ambígua entre a expressão da causa e a expressão do estado do sujeito no momento da morte. Nesta última interpretação, o SP não especifica necessariamente a causa do evento, conforme evidencia o exemplo (11):

(11) O João morreu com fome, após uma longa doença.

Este facto torna-se particularmente evidente em frases como (12), em que a oposição entre os dois SPs desambigua o valor do SP introduzido por *com*, permitindo apenas uma interpretação: no momento da morte o João tinha fome, mas a fome não foi a causa do falecimento:

(12) O João não morreu *de* fome, morreu *com* fome.

Um SP causativo introduzido por *com* tem assim duas interpretações (Figura 3), se o contexto ou outros constituintes da frase o não desambiguarem:

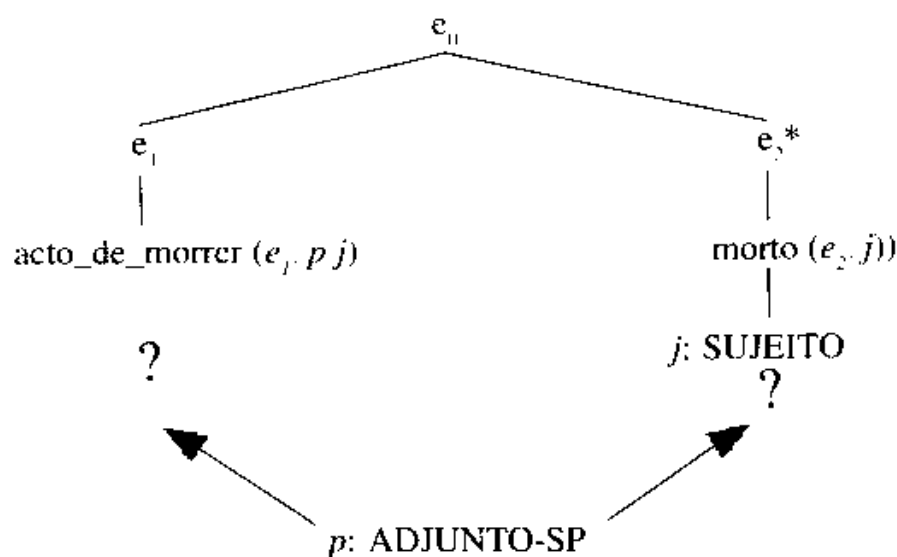


Figura 3: *O João morreu com fome*

Embora a ordenação temporal e as restrições de dominância expressas na Figura 2 se mantenham, a ambiguidade (assinalada por [?]) não permite especificar na Figura 3 uma posição para o SP relativamente quer ao processo e_1 , quer ao estado final e_2 .

Estrutura dos eventos e selecção da preposição.

Nesta secção procede-se ao relacionamento dos traços semânticos idiossincráticos das preposições em estudo com a estrutura interna dos eventos.

Como se referiu, os SPs causativos podem ocorrer em eventos do tipo *processo* e *transição* quando o sujeito sintáctico não é o causador do estado de coisas a que o evento se reporta e quando se deseja explicitar a causa do evento. Com essa finalidade, retomam-se as frases (4) – (7), aqui renumeradas e alteradas por razões de perspicuidade:

- (13) O João morreu *de* fome / *com* fome.
- (14) A explodiu **de* / *com* o impacto.
- (15) A Maria emagreceu **de* / *com* a dieta.

Nos exemplos apresentados, apenas (13) aceita as duas preposições.

Como *morrer* (ao contrário de *explodir* ou de *emagrecer*) carece de causa externa, é possível estabelecer uma relação entre a distribuição das preposições e a natureza da causa (interna ou externa) do evento.³

Considera-se que um evento tem origem numa causa externa quando carece de uma entidade causadora (ser humano, animal, força da natureza, circunstância) para poder ocorrer. Portanto, nos eventos de causa externa, o causador existe, mesmo quando não é realizado sintacticamente, como em *A porta fechou-se*, pois uma entidade como *porta* não tem a propriedade de se fechar sozinha.

Pelo contrário, um evento de causa interna pode ocorrer independentemente da intervenção de um causador dado que o argumento realizado como sujeito tem as propriedades necessárias e suficientes para permitir a sua realização. Assim, em *A rosa desabrochou*, o evento é possível independentemente de circunstâncias externas que o possibilitem ou mesmo desencadeiem (a Primavera, o calor, etc.) porque a entidade *rosa* tem a propriedade intrínseca de *desabrochar*.

Parece assim haver correspondência entre a natureza dos eventos e a distribuição dos SPs causativos. Como os exemplos anteriores indiciam, os eventos de causa interna ocorrem preferencialmente com a preposição *com*: *ferver *de* / *com* o calor, *desabrochar *de* / *com* a Primavera, *explodir de* */ *com* o impacto.

Esta diferente distribuição pode ser atribuída à dissociação entre causa e causador. Tomando como exemplo *A rosa desabrochou com o calor*, a entidade que serve de catalizador ao processo é *o calor*, logo, é, de alguma forma, “causador”, mas não a sua causa, uma vez que, como se referiu, a entidade *rosa* tem a propriedade de *desabrochar* por si só. Como a preposição *de* é claramente causativa, a sua ocorrência é normalmente excluída dos SPs causativos que especificam o causador dos eventos de causa interna.

Considerem-se agora as frases (16) e (17), cujos SPs constituem contra-exemplos, à generalização formulada:

- (16) O João empalideceu *de* / *com* medo.
- (17) O João desmaiou *de* / *com* medo.

³ Sobre a causatividade interna e externa, ver Levin e Rappaport 1995, Mendikoetxea 2000, Duarte 2003.

Embora *empalidecer* e *desmaiar* sejam núcleos de eventos que não carecem de causa externa, parece evidente que sem *o medo*, a entidade *O João* não teria empalidecido ou desmaiado. A causa é, assim, externa e, como se referiu, nestes eventos, quando o sujeito não é o causador do estado de coisas, podem ocorrer as duas preposições: *de*, causativa e *com*, ambígua entre a expressão da causa e do estado.

Os nomes que integram os SPs causativos também restringem a selecção da preposição, de uma forma que aparenta corresponder ao conceito de *predicado de propriedades individuais* e *predicado de propriedades permanentes*³, conforme a frase (18) evidencia:

(18) O João morreu *de* / **com* *velhice*.

Nomes que denotam propriedades permanentes, como *velhice*, *doença prolongada*, *felicidade*, ocorrem preferencialmente com a preposição *de*, que, como se referiu, introduz uma especificação de causa; nomes que denotam propriedades individuais, temporárias, ocorrem com a preposição *com*, ambígua entre a expressão da causa e do modo:

(19) O João sorri **de*⁴ / *com* *a notícia*.

(20) O João desmaiou ?*de* / *com* *o susto*.

A diferente distribuição das preposições e, sobretudo, o contraste entre a aceitabilidade de (17), *desmaiar de medo*, e a fraca aceitabilidade de (20), *desmaiar do susto* (assumindo que *medo* denota uma propriedade relativamente permanente e *susto* uma propriedade temporária) confirmam indirectamente as hipóteses assumidas neste trabalho: as preposições *de* e *com* em SPs causativos não são *incolores* e a respectiva selecção é condicionada pela estrutura eventiva.

Conclusão

A análise preliminar desenvolvida em torno das preposições causativas *de* e *com*, legitima a hipótese inicial segundo a qual estas preposições têm conteúdo semântico, uma vez que a substituição da preposição em enunciados idênticos origina diferenças de significado (e.g., *morrer de fome* / *morrer com fome*).

O presente estudo permitiu também evidenciar relações entre a selecção das preposições e a estrutura dos eventos, tendo-se argumentado no sentido de que são factores relevantes a natureza da causa e as propriedades do nome que integra o SP causativo.

Verificou-se ainda que a selecção das preposições envolve mecanismos complexos e subtis, difíceis de captar e de formalizar. A generalização a que se procedeu afigura-se satisfatória em termos genéricos, mas é certamente demasiado restritiva para dar conta de realizações resultantes do uso criativo da linguagem, como, por exemplo, *Ela emagreceu com o calor e da dieta*.

Importa, portanto, alargar o estudo a um conjunto de dados mais extenso, com recurso, por exemplo, a *corpora* e analisar o comportamento de SPs causativos introduzidos por outras preposições (e.g., *Ele morreu por asfixia*) para proceder à modelização, no âmbito da representação das estruturas causativas do Português.

³ Levin e Rappaport Hovav 1995, no seguimento de Carlson 1977.

⁴ Embora *sorrir da notícia* seja uma frase bem formada, a sua interpretação não é causativa.

Referências

- Duarte, Inês (2003) A família das construções inacusativas. In Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, Ed. Caminho, Lisboa.
- Levin, Beth & M. Rappaport Hovav (1995) *Unaccusativity at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press.
- Marrafa, Palmira (1993) *Predicação Secundária e Predicados Complexos em Português. Análise e Modelização*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Mendikoetxea, Amaya (1999/2000) Construcciones inacusativas y pasivas. In Bosque & Demonte (orgs.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Ed. Espasa.
- Pustejovsky, James (1995) *The generative lexicon*. Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press.
- Schyn, Amélie (2001) *Un modèle formel de représentation sémantique des prépositions du Français*. Toulouse III: Université Paul Sabatier.
- Tenny, Carol (1987) *Grammaticalizing Aspect and Affectedness*. PhD. Dissertation, Massachusetts: The MIT Press.